

# Joalheria contemporânea invade Lisboa, de museus a hospitais

Num museu e no CCB há jóias de artistas consagrados, e noutros 23 lugares há jóias de estudantes do ARCO

VERA PENÊDA

Até 11 de Setembro, o Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, vai tentar aproximar-se dos visitantes surpreendendo-os com a exposição *Mais Perto*. Entre as obras centenárias do seu acervo, há agora jóias contemporâneas de 23 artistas portugueses e estrangeiros.

Todas as jóias estão associadas a uma obra do Museu Nacional de Arte Antiga, e algumas foram mesmo criadas a partir de obras do acervo. Resultado? Uma visão diferente da joalheria actual e do próprio museu, diz a comissária Cristina Filipe. A joalheira e coordenadora da exposição diz que "quem vem para visitar um museu de arte antiga não espera encontrar jóias contemporâneas" e que, por isso, a intenção foi precisamente criar um projecto interactivo, de diálogo entre passado e presente, em espaços públicos, como é um museu".

E assim, estabelece-se uma relação tão inesperada entre uma obra do século XVI como *O combate de Hércules com os centauros* (Bruxelas, sem autor) e o braçal metalizado que Leonor Hipólito criou para os nossos dias.

No Centro Cultural de Belém (CCB), também em Lisboa, a exposição *Habitação Nómada* propõe a joalheria como um refúgio portátil que exprime a tensão entre íntimo e público, identidade e relação social. Esta iniciativa teve origem no trabalho *Domínio Público* de Vito Acconci, uma das peças da Colecção Berardo (em exposição).

O director do Centro de Exposições do CCB, Delfim Sardo, e Mónica Gaspar, a comissária convidada para organizar a exposição, dizem que um dos objectivos foi trabalhar a relação "subjectividade do artista e domínio público da obra de arte". Entre as obras da exposição, está uma bracelete em ouro e aço que o suíço Bernhard Shobinger criou a partir de um abre-latas.

As duas exposições do MNAA e do CCB incluem peças de outros joalheiros internacionalmente reconhecidos como Otto Künzli, Teresa Seabra, Norman Weber e Marília Maria Mira.

A colaboração do Centro de Arte e Comunicação Visual (ARCO) encarregou-se ainda da iniciativa "Joalheria in Situ" que colocou jóias em 23

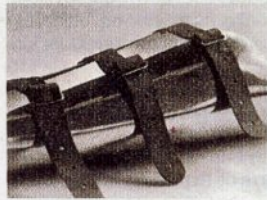
espaços lisboetas para apostar na "descentralização das jóias e diversificação dos públicos", como comenta Cristina Filipe. Por isso, quem vai comer à Pastelaria Azevedo, visitar o Hospital das Bonecas ou rezar à Igreja de São Roque também é convidado a olhar para jóias – todas de estudantes da escola de artes. Desta forma, a joalheria contemporânea transforma-se numa "habitação nómada" para ganhar



---

O ARCO colocou jóias em 23 espaços de Lisboa para apostar na "descentralização das jóias". Por isso, quem vai comer à Pastelaria Azevedo ou rezar à Igreja de São Roque é convidado a olhar para elas

---



visibilidade e chegar "mais perto" de um público diversificado.

Esta semana Portugal recebe pela primeira vez o X Simpósio de Joalheria Contemporânea intitulado "Em toda a parte. Em lugar nenhum". Durante quatro dias, até ontem, Lisboa acolheu mestres e interessados na arte da jóia de toda a Europa e do Brasil, e até Setembro, os trabalhos de artistas portugueses e estrangeiros estão expostos em vários espaços de Lisboa com o objectivo de promover a arte da jóia. A PIN - Associação Portuguesa da Joalheria Contemporânea organizou o evento com a promoção da *Ars Ornata Europeana*. ■